

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DO ENSINO SUPERIOR



FUNDAÇÃO  
ORIENTE

MIC  
MINISTÉRIO DA CULTURA



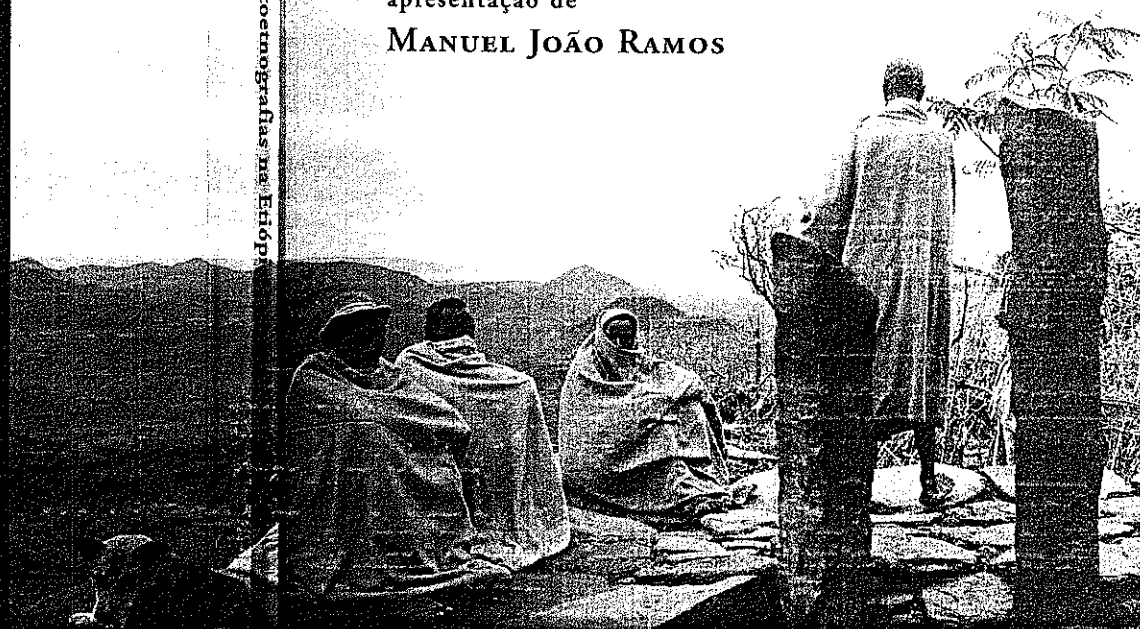
KONSO / HARAR - fotoetnografias na Etiópia

# KONSO / HARAR

fotoetnografias na Etiópia

CATHERINE HENRIETTE  
MARIE HERNANDEZ

apresentação de  
MANUEL JOÃO RAMOS



LIVROS DE FOTOGRAFIA

ISBN 972-37-0837-X



9 789723 708370

ASSIRIO

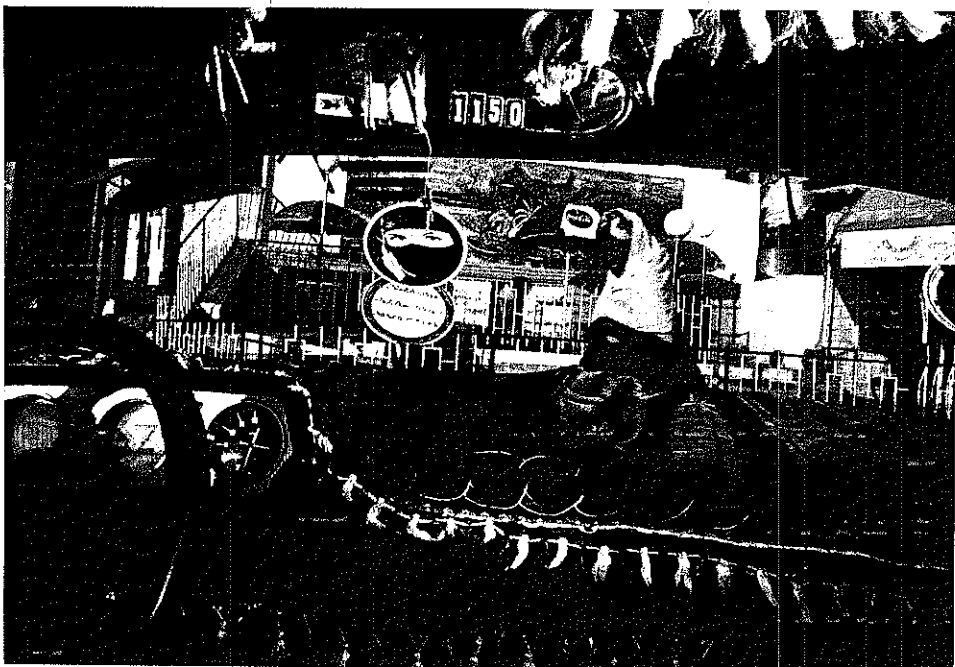
CATHERINE HENRIETTE  
MARIE HERNANDEZ

KONSO / HARAR

fotoetnografias na Etiópia

posfácio de  
MANUEL JOÃO RAMOS

ASSÍRIO & ALVIM



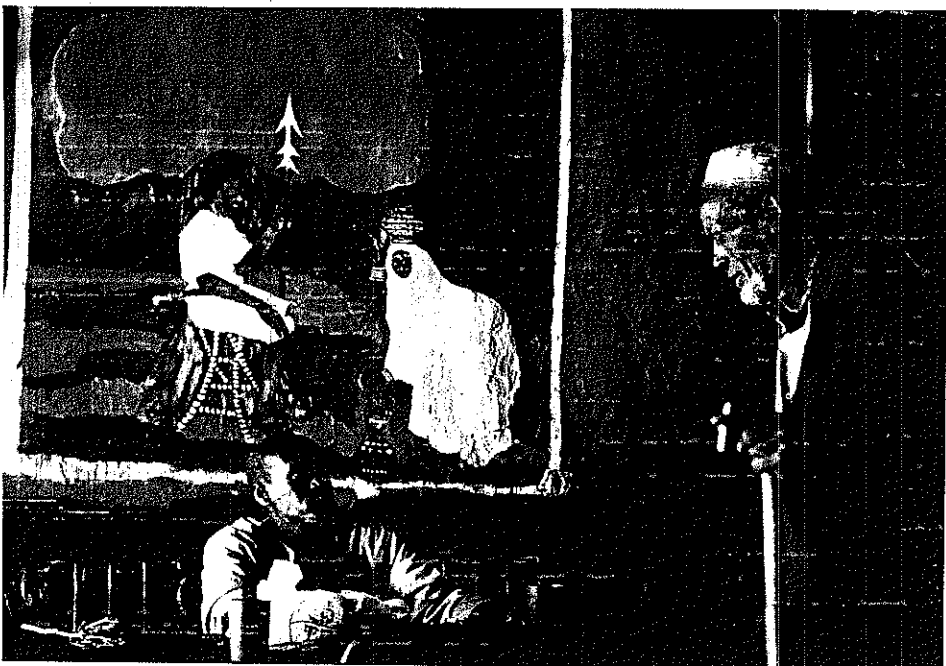
Catherine Henriette

Harar. Mulher harari passando diante de um táxi colectivo. O interior dos velhos táxis harari são, como em toda a Etiópia, bastante decorados.



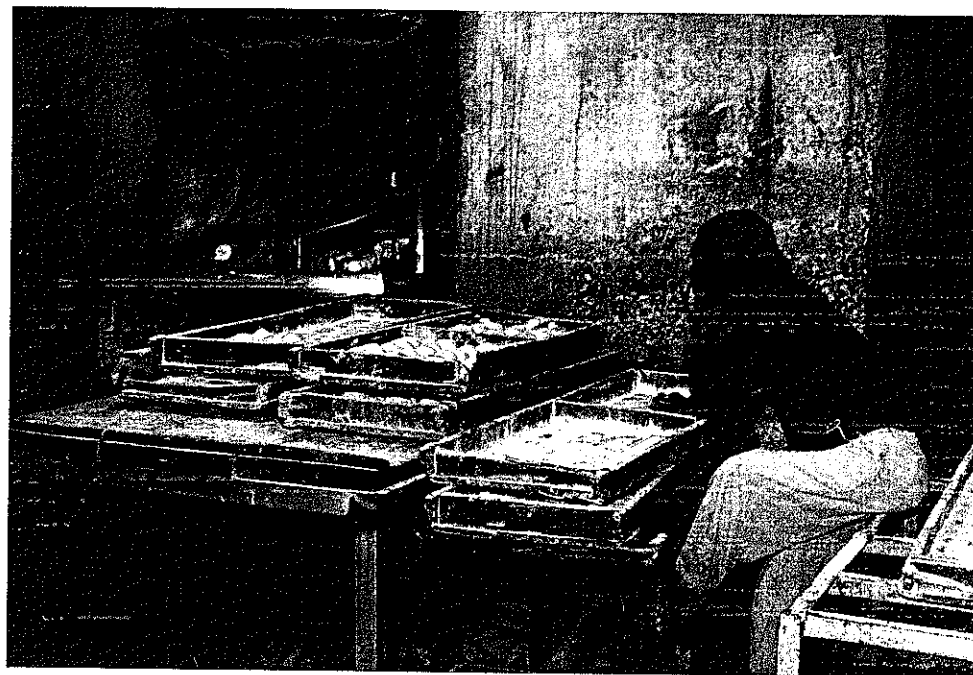
Catherine Henriette

Harar, Praça Faras Magala («mercado dos cavalos»). Um jovem harari passa em frente da igreja ortodoxa da cidade antiga. Para celebrar a conquista de Harar pelo seu exército cristão (em 1887), o imperador Ménélik II ordenou a destruição da mesquita da praça para dar lugar à presente igreja.



Catherine Henriette

Um cliente habitual de um café de Harar, mastiga folhas de *tch'at* (*qat*, no Iémen) enquanto observa um velho homem assar. O *tch'at* é um arbusto cultivado nas imediações da cidade cujas folhas mais tenras têm propriedades excitantes. O *tch'at* é muito apreciado por toda a Etiópia, é exportado para os países vizinhos (sobretudo para o Iémen) a partir de Harar.



Catherine Henriette

Harar. Uma padaria na cidade antiga. Nas terras altas do norte da Etiópia a base da alimentação é o *t'ef* (*Eragrostis tef*), mas em Harar prevalece o consumo do trigo e do sorgo.



Catherine Henriette

Vendedora de *chhat* no mercado de Magala Guddo. Para produzir o desejado efeito excitante, as folhas desta planta, devem ser consumidas no dia em que são colhidas, são vendidas embrulhadas em folhas de palmeira. A cola é consumida para adoçar a amargura do *chhat*.



Catherine Henriette

Harar. Uma jovem oromo no mercado muçulmano de Magala Guddo, no interior da cidade velha. Harar, pelo menos desde o século XVI, um entreposto comercial para os camponeses oromo da região circundante e para os pastores vindos do Afar (antigamente conhecidos como danakil) e do Ogadei.



Catherine Henriette

Harar. Na rua dos alfaiates, denominada *macchina girgil* (ou «das máquinas de costura», por referência ao barulho das máquinas de costura).



Catherine Henriette

Ruela da cidade antiga de Harar. A parte «europeia» da cidade, extramuros, foi criada em finais do século XIX pelo governador Ras Mekonen (pai do Ras Tafari, coroado imperador como Haile Selassie) e redesenhada durante o período colonial italiano (1935-1941).



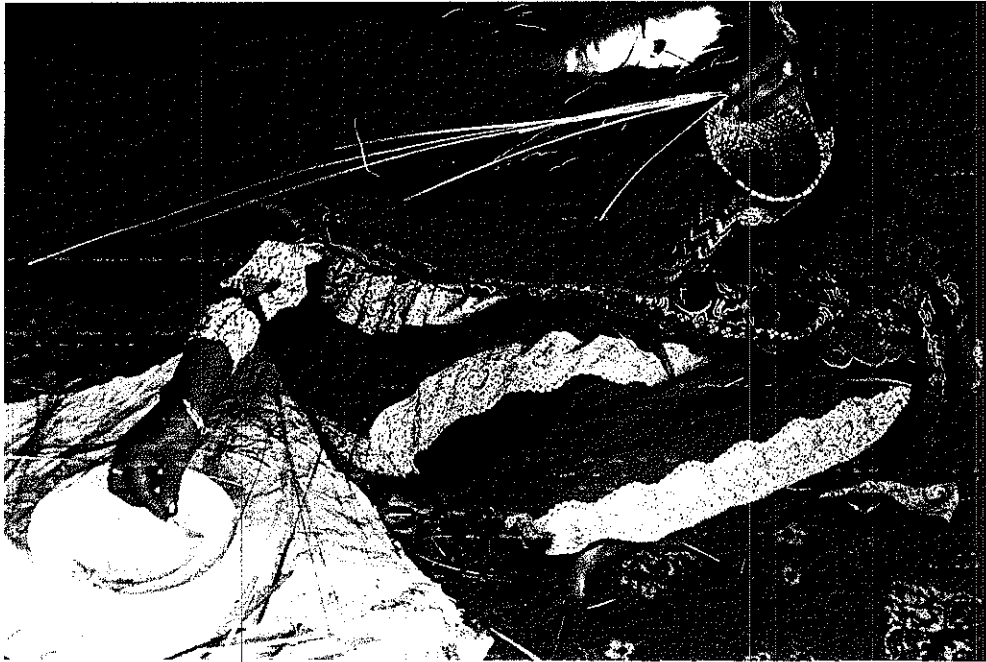
Catherine Henriette

No pátio da casa de uma matrona harari. Uma jovem camponesa vem vender leite de camelo. Desde há séculos, os harari dependem dos agricultores oromo e das caravanas somalis para abastecer a cidade.



Catherine Henriette

Criada e a sua patroa numa casa harari. A sala principal da casa harari é organizada em estrados sobre os quais as pessoas estendem, de acordo com o seu estatuto no interior da família. Os objectos domésticos são guardados em nichos das paredes.



Catherine Henriette

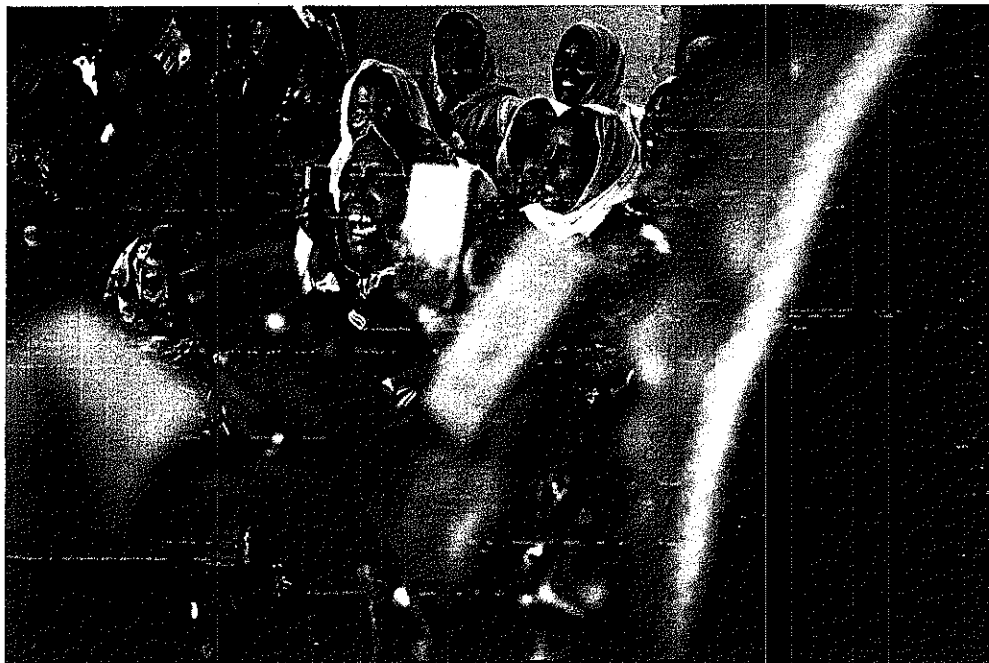
Trabalho de cestaria Harari feito pela mulheres na cidade antiga. Este tipo de trabalho artesanal é uma especialização feminina.



Catherine Henri

Harar. Jovem muçulmana preparando o seu casam.





Catherine Henriette

Casamento muçulmano em Harar. Matronas hararis cantando e dançando. Os casamentos são hoje uma ocasião importante para celebrar a cultura harari e sublinhar a importância das organizações comunitárias femininas.



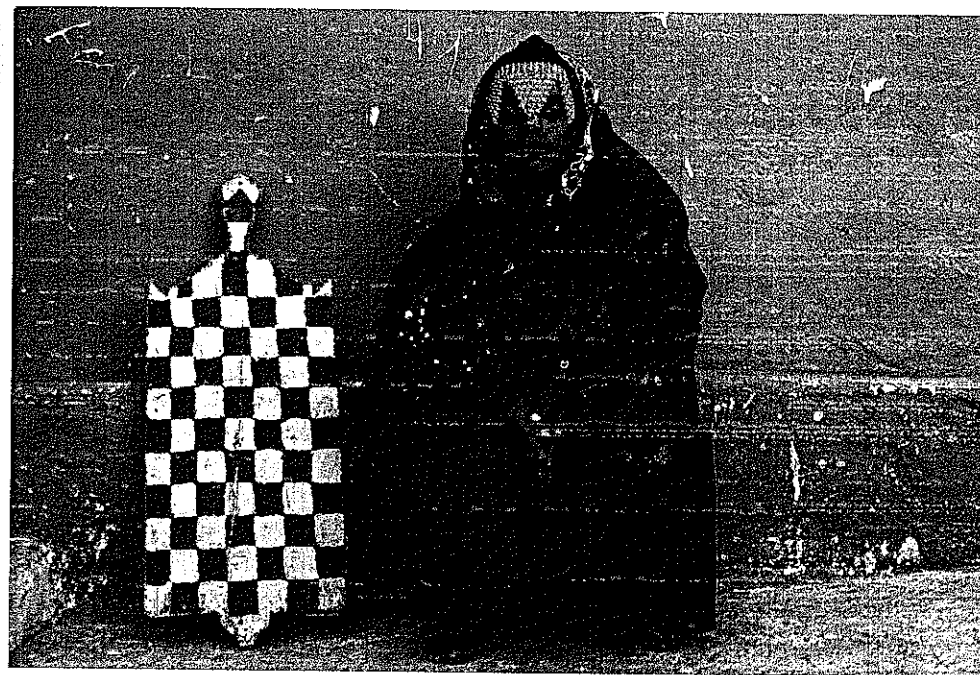
Catherine Henriette

Durante uma cerimónia de casamento em Harar. Uma matrona fuma a *chicha* («nargui



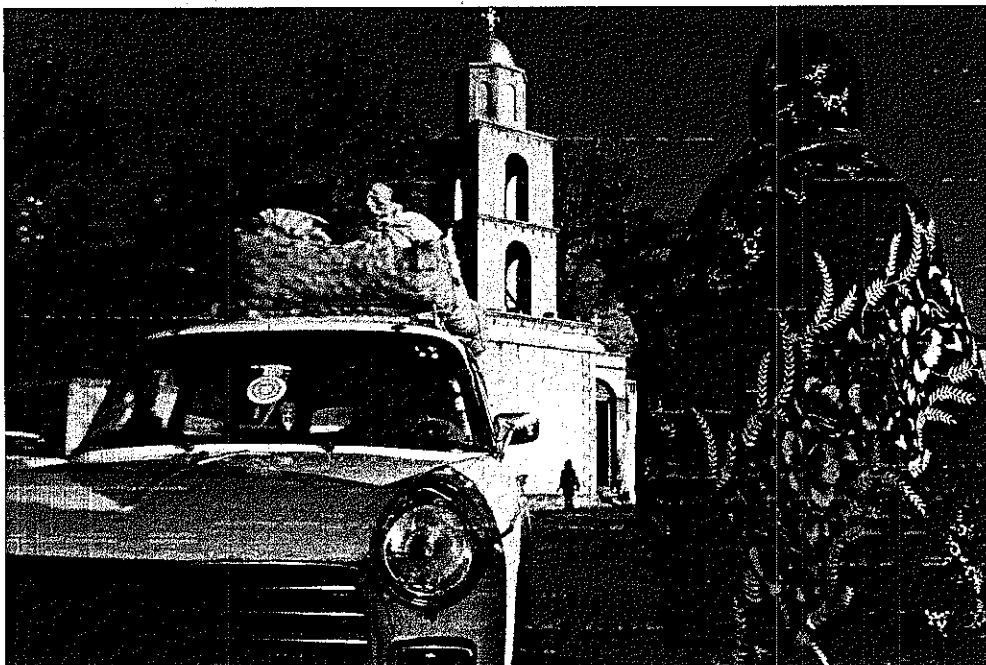
Catherine Henriette

Escola corânica de Warder, no Ogaden. As tradições muçulmanas etíopes consideram Harar, cidade onde abundam túmulos de santos, mesquitas e escolas religiosas, como a quarta cidade santa do Islão.



Catherine Henriette

Jovem diplomada da escola corânica de Warder, no Ogaden



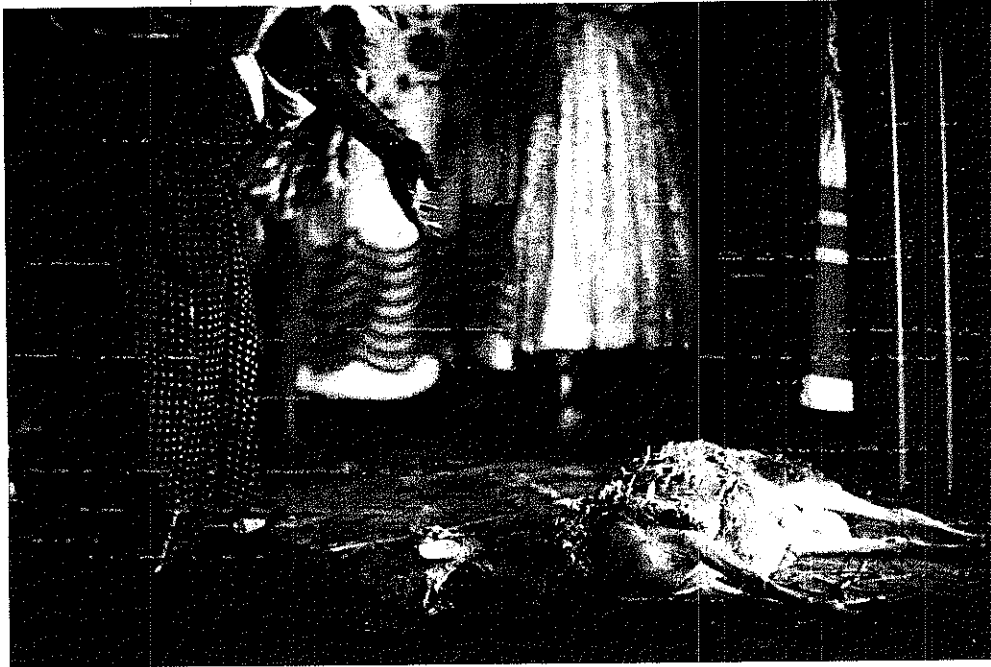
Catherine Henriette

Harar, Praça Faras Magala. Ao fim da tarde, uma mulher harari passa por um táxi colectivo que aguarda clientes. Em Harar, a maioria dos táxis são Peugeots 404, importados do Jibuti.



Catherine Henrie

Frente a uma mesquita da cidade velha de Harar, duas vendedoras de amendo procuram escapar à objectiva da máquina fotogrâfi



Catherine Henriette

Harar. Sacrifício de um carneiro durante uma sessão de *zar*. Os espíritos invisíveis *zar* são convocados através do transe extático e apaziguados graças ao sacrifício de animais. O culto do *zar*, sendo praticado indistintamente por muçulmanos, cristãos, judeus e animistas, transcende as distinções religiosas oficiais.



Catherine H.

Harar. Uma sacerdotisa do *zar* repousa, conversando com os filhos, após uma sessão noturna de transe e :



Catherine Henriette

Estrada no Ogaden. Um jovem cameleiro abastece-se de água num poço. Ainda que sofram a competição do transporte automóvel, as caravanas vindas da Somália continuam a percorrer a rota que leva a Harar.



Marie He

Aldeia de Genidima, de madrugada. Antes de partir para os campos, os homens adultos juntam-se nos largos perto das «árvores de geração» (colunas de basalto que identificam cada luba, ou classe geracional, »



Marie Hernandez

Aldéia de Dokato. Uma mulher transportando água recolhida nos poços colectivos da aldeia no fundo do vale.

Marie Hernandez

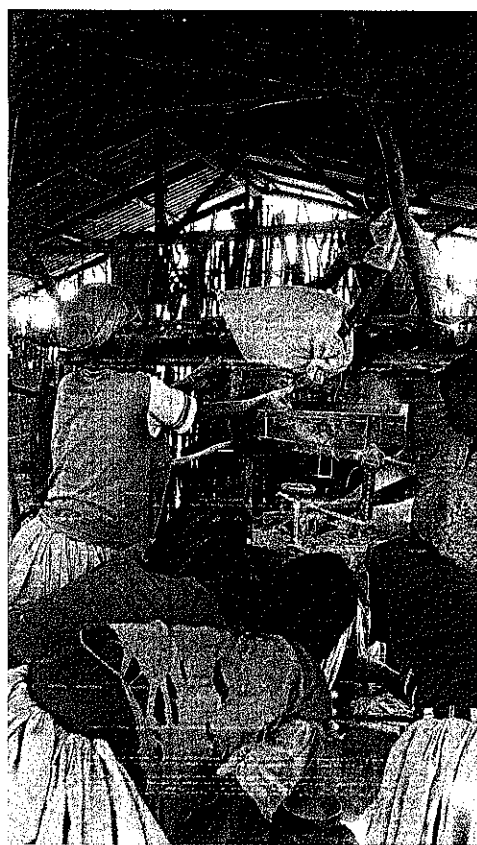
Aldéia de Dokato. Transporte de folhelho de milho e de folhas de eucalipto para alimentação do gado.





Marie Hernandez  
Sementeira colectiva em Chaparsa. Um grupo de agricultores extraí pedras de um terreno de cultivo.

Marie Hernandez  
Moagem de cereais em Kcbete Debena. O milho-miúdo e o algodão são as principais plantas de cultivo dos konso.



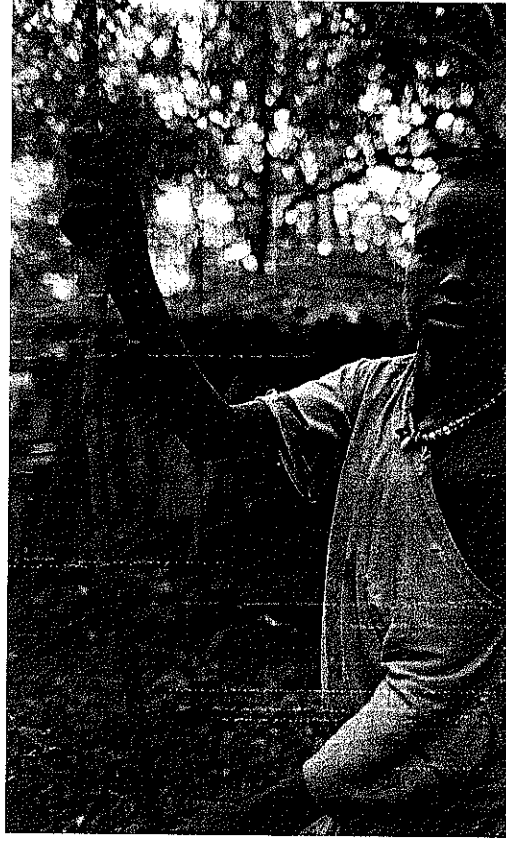


Marie Hernandez

A porta da cerca de uma cabana na aldeia de Dokoto. As cabanas konso são habitualmente cercadas por estacas de madeira e muros de pedra.

Marie Hernandez

Estrada de Mecheke. Retrato da filha de um sacerdote *pogalla* («chefe de clã») de Mecheke.







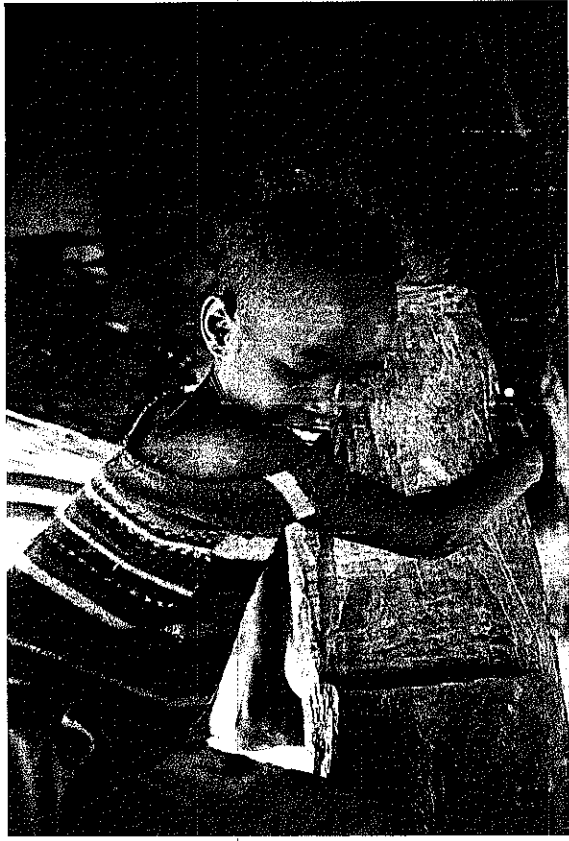
Marie Hernandez

Aldeia de Paleeta. Momento de repouso durante a tarde, na proximidade das *wakaa*. As *wakaa* são estátuas de madeira antropomórficas dedicadas aos *poqalla* e aos heróis (caçadores e guerreiros) que atingiram, pelo menos, o penúltimo grau da *luba* (sistema de classes geracionais). As *waqaa* dispõem-se em grupos em torno das «árvores de geração», que comemoram batalhas importantes protagonizadas por cada classe de idade. As *wakaa* centrais são ornamentadas com o *xalasha*, um adereço de forma fálica que os *poqalla* usam sobre a testa.



Marie Hernandez

Aldeia de Dokato. Crianças a jogar *geba'i'a*, um jogo muito difundido em toda a África



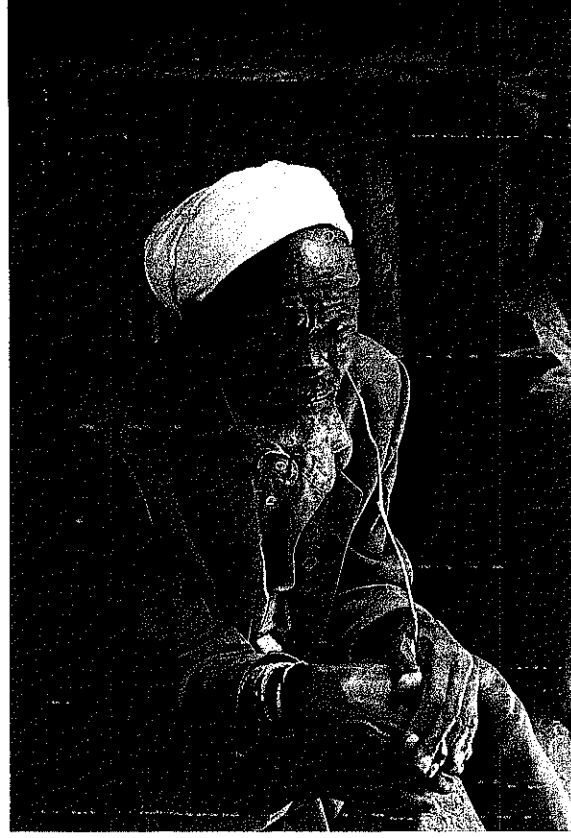
Marie Hernandez

Aldeia de Mershina. Uma criança desce da *pafiz* (cabana colectiva onde os homens adultos dormem para preservar a sua virilidade). As *pafiz* localizam-se nas moras, praças onde os konso celebram as diversas cerimónias comunitárias.

Marie Hernandez

Aldeia de Mershina. Retrato de aldeão. Como em muitas outras zonas rurais da Etiópia, os homens adoptam progressivamente as modas de vestuário vindas de fora da comunidade; as mulheres tendem a preferir manter a tradição do vestuário konso.





Marie Hernandez  
Lugar de Chapansa, retrato de um membro do conselho de anciãos.

Marie Hernandez  
Aldcia de Arfaydc. Retrato de mulher protegendo-se da chuva com uma pele de cabra. Estas peles continuam a ser correntemente usadas, apesar da concorrência dos têxteis vendidos nas feiras das vilas-mercado da região.





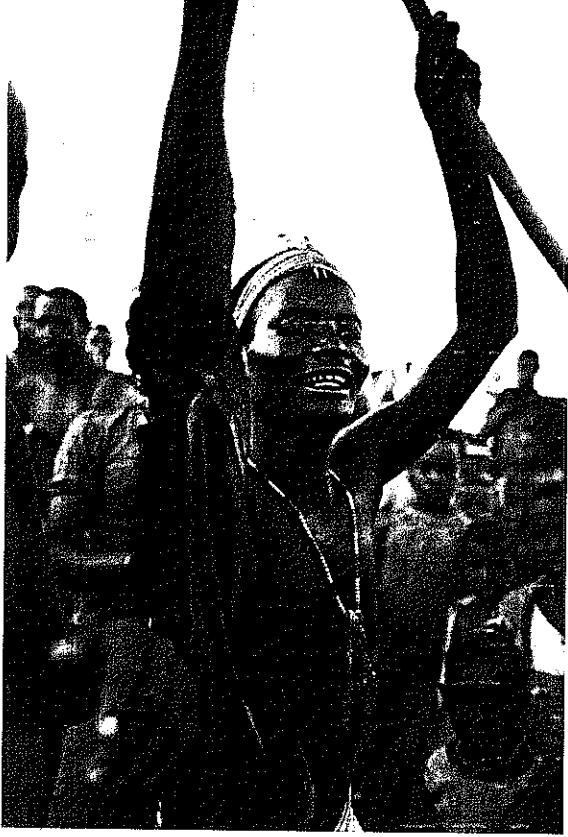
Marie Hernandez

Sessão de cura na aldeia de Mecheke. Um curandeiro, usando roupas femininas e falando como uma mulher, demonstra os seus poderes colocando na boca um pedaço de madeira incandescente sem se queimar.

Marie Hernandez

Aldeia de Mecheke. Uma mulher canta durante a sessão de cura.





Marie Hernandez  
Aldéia de Gesergio. Um jovem canta e dança num dia de festa na aldeia.

Marie Hernandez  
Aldéia de Gesergio. Dança de um grupo de membros de uma classe *luba* durante a mesma cerimónia.



Por via das palavras que lhe aplicamos, e que ela historicamente inspirou, a imagem fotográfica é mais de si própria do que revela algo da realidade que ela terá impresso e que é suposta representar. Fascinados pelo encanto furtivo e ilusório da «objectiva», imaginamos «tirar» fotografias para «revelar» e para dar a «ver». Enganadora máquina de captura do real, a fotografia presume-se assim essencialmente fingendo-se mimese. *Cliché*, porque é mecanicamente reproduzida<sup>1</sup>, a fotografia oferece um semblante de realidade material às nossas pré-existentis imagens mentais.

Mas não há que reduzir o jogo interpretativo que a fotografia possibilita ao estatuto de uma mera confirmação codificada, seja da objectividade do mundo fotografado, seja da estereotipização cultural do olhar do fotógrafo e do espectador. O campo temático da fotografia etnográfica pode tanto confirmar os nossos piores instintos de auto-centramento cultural<sup>2</sup> ou, antes, contribuir para os transcender, se nela conseguirmos surpreender um real esforço de aproximação entre o fotógrafo e os sujeitos que ele confronta. Quando tal acontece, pelo seu impacto estético e/ou pela sua riqueza informativa, dissolve-se da fotografia a força entrópica do *cliché* (isto é, tanto o peso da tecnologia de reprodução fotográfica como a marca do «lugar-comum»), e nega-se, pelo menos sob forma tentada, a objectificação convencionada dos sujeitos fotografados. A razão de ser desse milagroso acontecimento é que uma imagem fotográfica, sendo estática e bidimensional, torna-se tão mais sedutora – enleia tanto mais o nosso olhar – quanto melhor questiona a hipótese mimética; mais finamente confirma que há, para além do papel impresso, um mundo estranho e incapturável por metáforas estabelecidas.

<sup>1</sup> Termo assimilável aliás a um outro, cuja origem é contemporânea das metáforas tipográficas francesas *cliché* e *stéréotype*: o inglês *hackneyed* provém de *hack* (ou «coche de aluguer», antepassado do táxi) que, na Londres do século XIX, disponibilizava os seus assentos a todo o cliente que o desejasse requisitar.

<sup>2</sup> Ver, por exemplo, Elazar Barkan e Ronald Bush (coords.), *Prehistories of the Future: The Primitive Project and the Culture of Modernism*, Stanford, 1995.

As fotografas Marie Hernandez e Catherine Henriette têm participado em diversas missões de investigação etnográfica na Etiópia. A primeira vive naquele país desde 1989, onde tem acumulado uma larga experiência de trabalho retratando, invariavelmente a preto e branco, a permanência das tradições de fundo agrícola e pastoril numa sociedade tomada pela vertigem da modernização e da expansão urbana. É colaboradora do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) e do Centro Francês de Estudos Etíopes, entre outras entidades. Marie Hernandez tem realizado levantamentos fotográficos da vida quotidiana e ritual dos habitantes dos planaltos do Norte e na Oromínia, dos agricultores konso e dos pastores hamar, dos karayo, no Ogaden, etc. Catherine Henriette, foto-repórter da revista GEO e ex-correspondente da Agence France Presse na China, realizou entre 1999 e 2001, em colaboração com o Centro francês de Estudos Etíopes, três longas campanhas fotográficas na cidade de Harar e no Ogaden. Nestes trabalhos, registou a dinâmica da vida quotidiana e cerimonial em espaços públicos e domésticos, privilegiando sempre a fotografia em positivo a cores.

Ao primeiro olhar, há nas fotografias que compõem este pequeno álbum dívidas aos *clichés* exotistas, quando por exemplo nelas se adivinham estetizações da pobreza. Há formalismos à maneira de Cartier-Bresson nas fotos a preto e branco dos konso<sup>1</sup>, feitas por Marie Hernandez, e cromatismos que imaginamos herdados do orientalismo de um Delacroix nas fotos a cores de Catherine Henriette em Harar<sup>2</sup>. Mas, ainda que seja restrita esta selecção dos seus portfólios (38 fotografias),

<sup>1</sup> A região tradicionalmente habitada pelos konso situa-se no Sul da Etiópia. Esta pequena sociedade camponesa pratica uma agricultura intensiva das colinas que se elevam a ocidente do grande vale do Rift, meticulosamente recortadas em socacos. Sobretudo conhecidos no mundo exterior pelas *waqaa*, conjuntos de estátuas funetárias em madeira e pedra dedicadas aos *poqalla* (chefes de clã) e aos heróis que atingiram o nível *orshayta* do sistema de classes geracionais, os konso têm atraído a atenção dos antropólogos devido à complexidade do seu sistema de classes de idade e à riqueza da sua vida ritual (ver: Christopher Hallpike, *The Konso of Ethiopia*, Oxford, 1972; Hermann Amborn, «Concepts in Wood and Stone – Socio-religious Monuments of the Konso of Southern Ethiopia» in *Zeitschrift für Ethnologie*, 127, 2002, pp. 77-101).

<sup>2</sup> A cidade amuralhada de Harar ergue-se na extremidade oriental do vale do Rift. Ponto tradicional de passagem das rotas comerciais que ligam o território etíope ao Mar Vermelho, Harar é um caso único de urbanismo na África Oriental. Esta cidade santa do Islão desenvolveu uma cultura própria na confluência das tradições árabo-islâmicas com a dos povos Oromo e Afar que habitam a região circundante. Perdida a independência política em meados do século XIX, os harari continuam a defender orgulhosamente a sua identidade cultural e linguística. Harar é hoje a mais pequena das regiões autónomas do novo estado federal instituído em 1991. Os estudos disponíveis sobre Harar são raros – ver, no entanto, Ahmed Zekaria, «Harar, la perle de l'Est Éthiopien» in Xavier van den Stappen (coord.), *Aethiopia: peoples d'Éthiopie*, Tervuren, 1996; Enrico Cerulli, *Studi etiopici: La lingua e la storia di Harar*, Roma, 1936.

Marie Hernandez e Catherine Henriette fazem-nos aqui descobrir muito mais que lugares-conkonso e harari. O seu trabalho fotográfico é o resultado de uma intensa adesão aos universos se em que viveram que as levou a desbravar a floresta de *clichés* etnográficos que tem transformado estas duas comunidades em culturas-espectáculo, predadas pelo etnoturismo<sup>1</sup>.

As *waqaa*<sup>2</sup> konso e as muralhas históricas de Harar, umas e outras *clichés* que o público consumidor das imagens etíopicas identifica habitualmente com aquelas comunidades, têm aqui a sua presença residual. Outros temas, como o espectáculo da alimentação de hienas em Harar, marcas da guerra ou da má nutrição entre os konso, estão praticamente ausentes dos espólios fotográficos. Em vez de atributos convencionados da imagem das comunidades konso e harari, ram-se-nos sensíveis instantâneos de existências quotidianas que dão conta de estimulantes ciclos de permanências culturais que se afirmam aquém das folclorizações.

A fotografia etnográfica tem sido um meio privilegiado de confluência entre marcas estéticas e condições de registo da vida em sociedade. Este álbum reúne o trabalho de duas fotografas que, abordando realidades sociais e culturais peculiares, nos transmitem, por vias obrigatoriamente distintas, o impacto que essas realidades exerceram sobre elas. Enquanto Marie Hernandez compõe virtuosamente quadros volumétricos que sugerem ao observador um congelamento dos gestos dos sujeitos fotografados, Catherine Henriette valoriza o instantâneo dinâmico, seja pelo manuseamento das aberturas da diafragma da câmara fotográfica ou pela direcção dos olhares e pela captação dos movimentos corporais. Mas, para além da evidente diferença de opções técnicas e estéticas das duas fotografas, o álbum e a exposição que ele acompanha parecem fazer-nos «ver» como contrastantes as realidades de konso e harari. A opção que inspirou este aparente confronto exige alguma justificação:

No Ocidente, o paradigma (e *cliché*) abissínio, umbilicalmente ligado à religião cristã e monofisita, tem uma força tal que silencia a grande variabilidade cultural e religiosa da Etiópia.

<sup>1</sup> Porque, em grande medida, elas são peças icónicas desse imenso mostruário de ambiguidades, mal-entendidos e miopias que é o etnopluralismo, o fim do orientalismo. Ver, sobre este assunto, Bertrand Hirsch, «Avant-propos», *Annales d'Éthiopie*, 16, 2000, p. 2; Wendy James, «Kings, Common Kings: Ethnographic Imagination in Sudan and Ethiopia» in R. Fardon (coord.) *Localizing Strategies: The Regionalization of Ethnographic Studies*, Edinburgh, Scottish Academic Press, 1990, pp. 96-135.

<sup>2</sup> Ver nota 1, p. 44.

referências que vão surgindo nas produções que por cá emergem sobre aquele país. A intenção do presente projecto é de familiarizar o público português, de um modo indicial pelo menos, não apenas com duas fotografias contemporâneas desconhecidas neste país, mas com algumas das subtilidades etnográficas que o mito da «Abissínia cristã» obscurece quase completamente. Mas, se a escolha de um contexto «cuchítico» (os konso) e de um contexto «árabo-islâmico» (Harar) parece legítimo numa primeira apreciação, há o perigo de se reiterar assim uma tipificação étnico-cultural simplista, antropologicamente não fundamentada, que tende a distinguir o Norte cristão do Sudeste muçulmano e do Sul-Sudoeste «pagão».

A realidade etíope é imensamente mais orgânica e complexa que estas tipologias redutoras deixam entender. O processo de unificação iniciado no século XIX e acelerado desde a revolução de 1974, veio reorganizar uma já antiga história de interações, influências e confrontos entre os habitantes dos planaltos da «Etiópia-a-Alta» e as inúmeras populações das terras baixas circundantes, entre citadinos e camponeses, entre agricultores e pastores, entre cristãos, judeus, muçulmanos e «animistas», etc.. Daí a preferência, no título da exposição<sup>1</sup>, por um critério menos sujeito a valências etnicizadoras que chamasse a atenção do público para alguns detalhes da vida rural e urbana no Sul da Etópia. Os pouco mais de 2500 habitantes da região Konso são sobretudo camponeses que praticam uma agricultura intensiva nos terraços das colinas áridas a sul do lago Chamo; a cultura harari está profundamente entrelaçada com a existência original do antigo núcleo urbano de Harar, de forte influência árabo-islâmica. Mas este contraste é igualmente ilusório: os camponeses konso vivem uma intensa e constante interacção com as pequenas vilas-mercado da região, uma interacção que desdiz de maneira evidente o mito da insula cultural sobre a qual a antropologia clássica do período colonial tanto laborou. Assim como a lógica urbana da antiga cidade-entrepósito comercial de Harar é incompreensível sem uma referência contínua à presença, e influência, dos agricultores Oromo<sup>2</sup> ou dos pastores de Afar e do Ogaden.

<sup>1</sup> «Vivem no campo, adoram a cidade: Fotoetnografias na Etiópia», CCB – 17 de Julho a 26 de Agosto de 2003.

<sup>2</sup> Nomeadamente, a ligação estrutural entre o *gada* (o sistema de classes geracionais) dos povos oromo e os clãs-bairro harari.

No fundo, este álbum e a exposição a que ele se reporta apelam a que sejam transcendidas as evidências do contraste e do confronto, em favor de uma leitura transversal e complementares opções estéticas e das metodologias de duas fotografias que se propuseram mediar, através de impresso, entre seres humanos cultural e espacialmente separados.

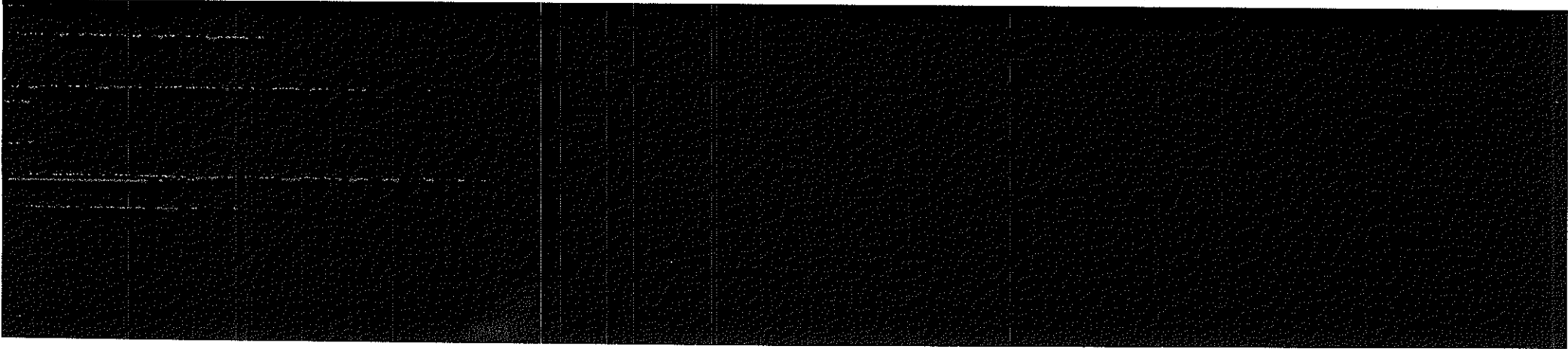
#### AGRADECIMENTOS

A presente selecção dos espólios fotoetnográficos de Marie Hernandez e de Catherine Henriette, expostos Laman do Centro Cultural de Belém (CCB), de 16 de Julho a 26 de Agosto de 2003, resultou de uma conjunção da Sociedade de Geografia de Lisboa (SGL)<sup>1</sup> e da Unidade de Investigação do Departamento de Antropologia do ISCTE (DepANT). Por via desta exposição homenageia-se assim, com a discrição que certamente apreciado, um eminente etíopista português, cujo trabalho se encontra intimamente associado Francisco Esteves Pereira, investigador e tradutor de várias obras da literatura religiosa e historiográfica etíope. Esta exposição foi organizada pelo Centro de Exposições do CCB, com o generoso apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, da Fundação para a Ciência e Tecnologia, e ainda com o patrocínio da Euroscanner e do Almada Fórum. Agradecemos especialmente à equipa do Centro de Exposições do CCB, a Luís Aires de Barros, presidente da SGL, a João Amorim, director das Relações Internacionais da Universidade de Lisboa, a Jorge Molder, director do CAMJAP da Fundação Calouste Gulbenkian, a Jorge Freitas Branco, director do DepANT, a Bertrand Hirsch, director do Centre de Recherches Africaines da Universidade (Panthéon-Sorbonne), a Carlos Alberto Carvalho da Fotoindustrial, a João Carlos Morais da Europr, António Nunes de Oliveira, a Jorge Silva, e, sobretudo, a Marie Hernandez e a Catherine Henriette.

<sup>1</sup> O Núcleo de Estudos Etíopes, que promoveu esta iniciativa, é uma unidade de investigação da Secção Profissional de Património da SGL.

<sup>2</sup> Das suas publicações de textos etíopes, refiram-se sobretudo a *Chronica de Minas, Rei de Ethiopia* (Lisboa, 1888), a *Chronica Rei de Ethiopia* (Lisboa, 1892-1900), a *Vida de Abba Daniel do Mosteiro de Socot* (em colaboração com L. Goldshmidt; Lisboa, 1903), a *Santa Maria Egípcia* (Lisboa, 1903), o *Martírio do Abba Isaac de Thifre* (Lisboa, 1903), a *Vida de São Paulo de Têbas, Ver* (Lisboa, 1903) e a *Flórcia de São João Crisóstomo, Versão Ethiopica* (Lisboa, 1904).





Este álbum foi publicado por ocasião da exposição  
«Vivem no campo, adoram a cidade: fotoetnografias na Etiópia»  
no Centro Cultural de Belém, de 16 de Julho a 26 de Agosto de 2003  
com fotografias de Marie Hernandez e Catherine Henriette,  
organizada por Manuel João Ramos,  
numa iniciativa da Sociedade de Geografia de Lisboa  
e do DepANT-ISCTE.

© DOS AUTORES

© ASSÍRIO & ALVIM

RUA PASSOS MANUEL, 67 B, 1150-258 LISBOA

EDIÇÃO 0827, JULHO 2003

ISBN 972-37-0837-X

DEPÓSITO LEGAL 182491/02

IMPRESSO NA GUIDE – ARTES GRÁFICAS, LDA.

RUA HERÓIS DE CHAIMITE, 14, 2675-374 ODIVELAS